Coleção Cuida Bem de Mim!

ESTOU AQUI, CONTIGO

texto **Margarida Fonseca Santos** / ilustração **Catarina Correia Marques**

6-8 anos

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos
e Proteção das Crianças e Jovens

ESTOU AQUI, CONTIGO

texto **Margarida Fonseca Santos** / ilustração **Catarina Correia Marques**

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos
e Proteção das Crianças e Jovens

Título: **Estou aqui, contigo** | Coleção Cuida Bem de Mim!
Autora: Margarida Fonseca Santos
Ilustração e paginação: Catarina Correia Marques

Impressão e acabamento: Editorial do Ministério da Educação e Ciência
1.ª edição: Junho de 2022
Tiragem: 2000 exemplares
ISBN: 978-989-54434-6-8
Depósito legal:

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPCJ)
Praça de Londres, n.º 2 – 2.º
1049-056 Lisboa
Tel. (+351) 300 509 717 | 300 509 738
E-mail: apoio.presidencia@cnpdpcj.pt

Linha Crianças em Perigo 96 123 11 11

Site www.cnpdpcj.gov.pt
Facebook www.facebook.com/CNPDPCJ
Instagram www.instagram.com/cnpdpcj
Youtube www.youtube.com/c/CNPDPCJ

Com este segundo volume da coleção "Cuida bem de mim", destinado a crianças dos 6 aos 8 anos, a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens continua a reforçar a mensagem que nunca é de mais repetir, tanto para os adultos como para as próprias crianças, da importância de prevenir e proteger os mais novos de todas as formas de maus-tratos.

Por esta pequena, mas intensa história, passam muitas emoções: as que causam sofrimento e ansiedade, mas também as formas de reparação de situações que muitos de nós experienciamos no dia-a-dia.

No fundo, o que mais importa destacar, pode resumir-se neste pequeno excerto de "Estou aqui, contigo":

"Não percebo porque é que as pessoas tratam mal as crianças, as outras pessoas, os animais. Todos têm direito a ser felizes.

– E se fizéssemos um cartaz para pôr na entrada da escola? Um cartaz de boas práticas, sobre como cuidar das crianças, dos animais, de todos?"

A Margarida Fonseca Santos, autora de perto de uma centena de livros, destinada ao público infantojuvenil, agradeço a forma criativa e lúdico-pedagógica como transformou um tema difícil, numa história com tanta beleza.

Agradeço também a Catarina Correia Marques, ilustradora que, com o seu traço e a sua cor, muito enriqueceu este "Estou aqui, contigo".

A Presidente
Comissão Nacional de Promoção dos Direitos
e Proteção das Crianças e Jovens

Rosário Farmhouse

O Júlio era o único na escola àquela hora, o que acontecia há quase uma semana, porque a irmã tinha uma consulta por causa da operação à perna. Mas isso não o afligia, era só esperar mais um bocadinho.
O que adorava era conversar com o senhor Joaquim, que tomava conta da escola e da horta.

Ficavam a ver as alfaces crescer, a tirar as ervas daninhas, iam espreitando as cenouras cheias de folhas e falavam de tanta coisa, tanta.

Mas, naquela tarde, foram surpreendidos por uns olhos muito tristes. Correram até à grade. Ali, cheio de feridas e a coxear, estava um cachorro.

– Mas quem é que trata assim os animais?! – enfureceu-se o senhor Joaquim. – Segura aqui no portão, Júlio, vou buscá-lo.

E o rapaz agarrou no ferro com tanta força que, temos a certeza, o portão percebeu como estava preocupado.

O cachorro deixou-se pegar ao colo e o senhor Joaquim levou-o até ao gabinete médico.

Tirando o boné e coçando os cabelos, o senhor Joaquim murmurava qualquer coisa para si mesmo.

– Água oxigenada não lhe faz mal, que dizes, Júlio?

– Água oxigenada é bom para as feridas, a minha mãe limpa os meus arranhões com isso e não arde, é boa ideia.

– Pelo menos, desinfetamos isto. Que maldade! Quem é que faz mal a um bicho tão pequenino?

O cachorro observava-os, assustado. Parecia querer confiar, mas ainda tinha muito medo dentro de si.

– Ó Júlio, abraça-o e canta-lhe qualquer coisa baixinho ao ouvido, enquanto eu faço o curativo.

– Cantar?!

– Sim, qualquer coisa calma, baixinho. Sempre fiz isto aos meus filhos quando se magoavam ou estavam assustados e eles sossegavam. Sentiam-se mais protegidos.

– E assim conseguia ajudá-los, não era?

– Sim. Na verdade, todos os adultos deviam sossegar e proteger as crianças. Vá, experimenta, canta-lhe ao ouvido.

– Pode ser a minha música preferida?

O senhor Joaquim sorriu.

– Se é a tua preferida, ainda melhor!

Então o Júlio sentou-se ao lado do cachorro, aconchegou-o contra o peito e começou a cantar a canção «Estou aqui». Enquanto isso, a mão deslizava no pescoço do cachorrinho, devagar, para lhe dar um mimo parecido com o que os pais lhe davam quando estava doente.

Isso ajudava-o a ficar mais forte.

Como o senhor Joaquim continuava a limpar as feridas, o cachorro foi descontraindo e acabou por adormecer nas pernas do Júlio. Devia estar cansado. Mesmo assim, o rapaz continuou os mimos com carinho.

Quando a mãe apareceu, com a Sofia ao colo, ouviu a história e até se comoveu ao ver o cachorro adormecido.

– Mas quem terá feito mal a um cachorro?

– Isto foram pedras que lhe atiraram. Quem fez isto não tem coração.

– E agora, o cão fica aqui? Vai levá-lo para sua casa?

Ficaram os três a olhar para o cachorro, que começava a despertar.

– Abandonado é que não fica! Primeiro, precisa de um nome – disse o senhor Joaquim. – Que te parece, Júlio? Alguma ideia?

– E se fosse a minha turma a escolher?

– Olha que bem pensado, muito bem. Então, fazemos assim: eu ainda aqui fico um pouco, dou-lhe comida e água, arranjo-lhe um lugarzinho bom para dormir, e amanhã, quando a tua turma vier à horta (que temos alfaces boas para apanhar), fazemos uma votação.
O que achas?

O cachorro, como se tivesse pressentido alguma coisa, abanou a cauda e até lambeu as mãos e a cara ao Júlio, que se desmanchou a rir.

Na manhã seguinte, a turma ouviu com muita atenção o que o Júlio lhes contou.

– Rita, porque é que magoaram o cão assim? – quis saber o Daniel. – Achas que ele se portou mal?

– Mesmo que tenha feito alguma asneira – explicou a professora–, nada justifica atirar-lhe pedras.

Os animais pequenos são como as crianças, fazem asneiras porque ainda não percebem bem as coisas. Às vezes, até correm riscos. Mas devemos ajudá-los.

– Pois é! Não se trata assim um bebé! – afirmou a Susana.

– Vamos pensar: em que situação é que se atiram pedras a um cão? – perguntou a professora, olhando a turma. – Ou a uma pessoa?

Nem pensar!
Nunca!
Não se faz isso a ninguém!
Nem aos animais, nem às pessoas!

– Nunca!

– Nem pensar!

– Não se faz isso a ninguém!

– Nem aos animais, nem às pessoas!

– Às vezes, não são pedras, são palavras e gestos – lembrou o Diogo, triste.

– Queres explicar melhor aos teus colegas a tua ideia?

– Há pessoas que nos dizem que nunca vamos aprender nada, que somos burros.

– Mas o Diogo está a aprender muito, não está, Rita? – disse o David.

– É verdade, já conseguimos mostrar ao Diogo que, com a nossa ajuda, ele aprende melhor. E a Kiara também, ainda na semana passada escreveu um poema tão bonito, não foi? Até já gosta da nossa comida.

– E ensinou-nos a dançar como no país dela!

O Diogo mexia-se como se estivesse a dançar sentado, rodando a cintura, provocando uma onda de riso na turma. Mas a Bia estava a precisar de falar:

– Também é horrível quando a minha avó diz que sou gorda e não sirvo para nada – queixou-se a Bia, com a mão no coração: – Dói aqui. Eu gosto muito dela e gostava que ela também gostasse muito de mim.

– Rita, eu ontem vi uma menina com o pai a empurrá-la para ela se despachar, e depois irritou-se e deixou-a sozinha, foi-se embora – contou o Wilson. – Eu e o meu pai viemos com ela até à escola...

– Fizeram bem. O pai não devia deixá-la sozinha na rua. Vocês cuidaram dessa menina.

– Mas, ó Rita, porque é que estas coisas acontecem?
Não percebo porque é que as pessoas tratam mal as crianças, as outras pessoas, os animais. Todos têm direito a ser felizes.

– E se fizéssemos um cartaz para pôr na entrada da escola? Um cartaz de boas práticas, sobre como cuidar das crianças, dos animais, de todos?

– Podemos pôr no cartaz o nosso Pinguim-de-Adélia? – perguntou a Bia, mais animada. – Nós estamos a ajudar o pinguim a crescer.

– Que excelente ideia! Claro, nós somos os padrinhos! Ele é tão simpático. Podemos usar as imagens do pinguim para chamar a atenção para o nosso cartaz. Perfeito, Bia!

A turma ficou muito entusiasmada com a ideia e combinaram começar nessa tarde a reunir material e desenhos, não esquecendo as fotografias do pinguim.

como
CUI

Antes do intervalo da manhã, a turma foi à horta, era a sua vez.
As cozinheiras precisavam das alfaces para a salada do almoço.

O senhor Joaquim apareceu e o cachorro correu e veio cumprimentar o Júlio. Dava saltos no ar, às vezes até caía no chão a rebolar, parecia uma bolinha de pelo a fazer acrobacias malucas!
As crianças riram-se tanto, era tão brincalhão!
As alfaces iam ficando zangadas por falta de atenção,
mas foi só um instante.

Havia uma outra tarefa:
dar nome ao cachorro.

Foram tantas as ideias de nomes, que a professora Rita teve de organizar uma votação. Não resultou lá muito bem, porque dois nomes ficaram empatados: Max e Bolinha. A Susana, muito despachada, disse logo:

– Quem desempata é o Júlio, que ontem ajudou a tratar do cãozinho.

– Boa ideia!

– Sim, sim! Qual preferes, Júlio?

Depois de pensar, o rapaz decidiu:

– Max. Gostava que se chamasse Max.

– Ele concorda – disse a professora. – Já viram os pulos que dá? Parece que tem uma mola nas patas!

– Não, está a dançar como o Diogo e a Kiara – brincou o Daniel.

Desataram todos a rir e a imitar a dança. Que grande emoção, com direito a palmas e tudo, estavam tão felizes! O senhor Joaquim, de braço sobre os ombros do Júlio, apertou-o contra si.

MAX

Tinham feito um bom trabalho.

O cachorrinho nem conseguia parar quieto. Ia aprendendo a confiar naqueles miúdos e gostava da companhia. A certa altura, o diretor da escola apareceu, sorridente.

– Então? Já temos cão de guarda?

– Ele pode ficar cá na escola?

– A sério, deixe-o ficar.

– É um bom cão de guarda! – explicou o Diogo.

Ouviram-se alguns risos, porque, se alguém precisava de guarda, era o Max.

– Deixo, sim... – Nova explosão de alegria! – Mas, e ao fim de semana, como fazemos?

– Quem puder – sugeriu a Bia –, leva-o para casa à vez. Pode ser?

– Se prometerem não o encher de doces e se o tratarem com ternura, pode. E têm de brincar com ele.

– Ah – lembrou o Júlio –, e para o acalmar, canta-se baixinho, aquela canção que aprendemos.

– Combinado – rematou o diretor. – É uma responsabilidade grande e esta turma está pronta para a receber! O Max vai crescer, ficar adulto, e estamos cá para tratar dele, vai sentir-se muito bem nesta sua nova casa.

E assim começou a aventura do Max na escola. Passava o dia atrás do senhor Joaquim, até ajudava a escavar os canteiros para plantar sementes e tudo. Às vezes, enganava-se no sítio ou fazia grandes buracos, mas o senhor Joaquim não lhe ralhava.

O primeiro fim de semana calhou àquele homem, por decisão da turma. Vivia sozinho, seria bom para ele. Mas, naquela sexta-feira, os pais tiveram muita dificuldade em levar para casa os filhos: voltavam atrás para mais uma festa ao Max.

O Júlio, ao dar a mão à mãe, percebeu logo que ela estava preocupada.

– O que foi, mãe?

– É a nossa Sofia, tem estado todo o dia a chorar. Precisa de andar, sabes, para a perna ficar boa, mas não quer porque lhe dói.

– Hum, tenho uma ideia – disse Júlio. – Posso ser eu a tratar da mana hoje, mãe?

– Podes, claro.

– Mas não digas nada, deixa-me ser eu a fazer.

– Certo, fica descansado.

E, sem aviso, a mãe deu um beijo nos cabelos do filho.

A Sofia estava muito chorona, era verdade.
E dizia que não queria sair do sofá. Mas o Júlio já pensara em tudo.
Sentou-se ao lado dela e abraçou-a.

Era tão pequenina, só tinha três anos e oito meses, e aquela operação à perna fora um grande susto. Esticando a mão, o Júlio pegou no livro favorito da irmã e leu a história que ela já sabia de cor. Até fingiu que se enganava, para ouvir a Sofia dizer como era.

Teve de a ler duas vezes.
Depois, pôs o seu plano em marcha.

– Sofia, sabes o cãozinho que apareceu na escola todo magoado?

– O Max!

– Sim, o Max. Aprendi a tratar dele e acho que também vai ser bom para ti.

– Não quero andar – rabujou a Sofia. – Dói muito!

– Pois, mas a tua perna precisa de se mexer, vamos convencê-la a andar sem doer.

– A perna não fala!

– Não é preciso. Nós tratamos dela. Espera um pouco.

O Júlio saiu da sala e voltou com algodão e água numa taça. A mãe, que assistia ao que se passava, ficou surpreendida.

– Vamos fazer assim, Sofia. Este algodão vai passar pela perna porque assim fica fresquinha e descontraída. Fizemos isso com o Max.

– Fizeram?

– Sim! E eu vou cantar-te a canção «Estou aqui». Tu gostas, não gostas? – A Sofia sorriu. – Podes cantar comigo, se quiseres. A perna também gosta.

– A perna não canta!

– Mas gosta de certeza.

Com muito cuidado, e com a irmã sentada ao seu lado, o Júlio começou a cantar baixinho, enquanto o algodão passava para cá e para lá na pele, a distrair a dor. Cantou duas vezes, e a Sofia cantou com ele à terceira vez. Quando recomeçaram a cantar, o Júlio pegou nas mãos da irmã e ajudou-a a levantar-se.

A Sofia obedeceu, embora, aos primeiros passos, tenha gemido um pouco.

A mãe pensou como o Júlio gostava e sabia ajudar os outros com tanto cuidado. Já sabia tratar deles, apesar de ser muito novo.

Quando chegaram à quinta vez, a Sofia deu uns pequenos passos sem chorar.

– Bravo, maninha! Estás a andar!

– Canta, canta, está bem?

– Claro! «Eu cuido de ti e tu...»

Da ombreira da porta, a mãe sorriu, feliz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Rosário Farmhouse, presidente da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, a oportunidade de me juntar a esta causa sempre urgente. Agradeço também a empenhada e competente ajuda de Fátima Duarte e Teresa Espírito Santo.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Margarida Fonseca Santos

Escritora e formadora, com fortes ligações à música, à pedagogia e ao teatro, é fundadora do blogue Histórias em 77 palavras, integrado no projeto Re-Word-It, onde se juntam a escrita, a leitura, a atenção e a meta-cognição. Para além de escrever para crianças e adultos, publicou, em 2019, o livro «Razões para escrever» e em 2015 «Altamente», sobre treino mental.

Catarina Correia Marques

Designer e Ilustradora, Estudou Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e, no último ano, descobriu a ilustração. Realizou uma pós-graduação em Livro Infantil. Se pudesse, passaria grande parte do seu tempo a aprender e a explorar.

Habitualmente, encontramo-la rodeada de letras, papéis e materiais riscadores.

Com este segundo volume da coleção "Cuida bem de mim", destinado a crianças dos 6 aos 8 anos, a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens continua a reforçar a mensagem que nunca é de mais repetir, tanto para os adultos como para as próprias crianças: prevenir e proteger os mais novos de todas as formas de maus-tratos.

Cofinanciado por:

REPÚBLICA PORTUGUESA
TRABALHO, SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL

PO ISE
PROGRAMA OPERACIONAL INCLUSÃO SOCIAL E EMPREGO

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu